

Nº 08 - Outubro de 2020



RUMMO

The logo of the Exército de Salvação, featuring a red shield with a white border and the text "EXÉRCITO DE SALVAÇÃO" in white capital letters on a red background.

EXÉRCITO
DE
SALVAÇÃO

VIOLÊNCIA CONTRA
VULNERÁVEIS



RUMO

Expediente: N° 08 - Outubro de 2020
Editor: Cristiano Araújo - Major
Capa e Diagramação: Catharine Freire

A Revista RUMO é uma publicação do Exército de Salvação - Território do Brasil

Fundador: **William Booth**
Presidente Mundial: **Brian Peddle**
Presidente Nacional: **S. Edward Horwood**

Quartel Nacional: Rua Juá, 264
Bosque da Saúde - 04138-020
Caixa Postal 46.036 - Ag. Saúde
04045-970 - São Paulo/SP - Brasil
Tel. (11) 5591 7074 / Fax: (11) 5591 7079
E-mail da redação:
redacao@bra.salvationarmy.org
Site: www.exercitodesalvacao.org.br

Declaração Internacional de Missão:

“O Exército de Salvação, um movimento internacional, é um ramo da Igreja Cristã. Sua mensagem é baseada na Bíblia. Seu ministério é motivado pelo amor a Deus. Sua missão é pregar o Evangelho de Jesus Cristo e suprir as necessidades humanas em Seu nome sem discriminação.”

Declaração Nacional de Missão:

“O Exército de Salvação existe para salvar almas, edificar os santos e servir a humanidade sofredora, motivado pelo amor a Deus, em nome de Jesus, sem discriminação.”

Declaração Nacional de Visão:

“Um povo santo engajado na missão, que trabalha em unidade e de forma apaixonada como agente de transformação na sociedade brasileira.”



Por causa da grande preocupação em atender bem, com recursos limitados, o Exército de Salvação foi premiado com o Prêmio Bem Eficiente (conferido pela Fundação Kanitz), como uma das Instituições Sociais que melhor usa os recursos financeiros arrecadados para o atendimento social.

Resposta Passatempo (p.13):

F	E	L	I	C	I	D	A	D	E
R	E	U	N	I	A	O	R	J	
		S	A	L	A	T	N		
T	E	M	P	O			R	L	
							A	A	
C	R	I	A	N	C	A			
P	R	O	F	E	S	S	O	R	

Um pouco de nossa História

O Exército de Salvação foi fundado por William e Catherine Booth, em Londres, no ano de 1865. Sensibilizados pela extrema carência do leste de Londres e movidos pelo amor de Deus, trabalharam com dedicação para levar as boas novas do evangelho e atender os milhares de necessitados castigados pela extrema pobreza.

Inicialmente chamado “Missão Cristã”, optou, em 1878, por uma estrutura organizacional semelhante à militar, quando o nome Exército de Salvação, que retrata sua batalha em favor da justiça, foi adotado. Como um “exército” e, em decorrência do latente amor às almas, a expansão foi rápida e logo outros territórios foram “conquistados”. Hoje o Exército de Salvação atua em 131 países, contando com mais de 17.000 oficiais (pastores) e mais de 1.000.000 de soldados (membros) que atuam mantendo e administrando escolas, hospitais, clínicas, albergues, lares para crianças e idosos, creches e centros comunitários.

O Exército de Salvação trabalha também com equipes que atuam em emergências como: enchentes, tufões, terremotos, atendimento a refugiados de guerras, epidemias, zonas de conflito e invernos rigorosos.

Atuação do Exército de Salvação no Brasil

Em 1922 os Tenentes-Coronéis David e Stella Miche, procedentes da Suíça, desembarcaram no Rio de Janeiro e iniciaram o trabalho que rapidamente expandiu-se para São Paulo, em 1924, e depois para Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Distrito Federal e Nordeste.

Em 1974, para melhor atender à legislação brasileira, foi criada a APROSES (Assistência e Promoção Social Exército de Salvação), que é uma organização não governamental de natureza assistencial, promocional e educacional, sem fins lucrativos, mantida pelo Exército de Salvação e que atende cerca de 1.700 pessoas em situação de vulnerabilidade social por dia. Porém, o Exército de Salvação também presta assistência através de seus 41 Corpos (igrejas) com visitas a hospitais, presídios e asilos.





Estimados Leitores,

Estamos levando até vocês mais esta edição da Revista Rumo. Este mês vamos abordar assuntos que dizem respeito à violência contra vulneráveis. Neste mês de outubro, também, celebramos o Dia das Crianças.

Nossa proposta é chamar a atenção contra a violência desmedida imposta aos vulneráveis de nossa sociedade: crianças abusadas dentro do próprio lar, mulheres sofrendo violência da parte de seus parceiros. Como lidar com essas situações? Como amparar, sem condenar, essas pessoas que estão sofrendo com abusos diversos por parte daqueles que deveriam amá-las e protegê-las? O que podemos falar para mulheres abusadas, de forma que não se sintam acusadas ou culpadas pelos atos cometidos contra elas? Como Jesus acolheu e amou aqueles que se encontravam desamparados em uma sociedade que desprezava as crianças e as mulheres? Essas perguntas, são respondidas, de alguma forma, nos artigos desta edição.

Queremos unir nossas forças com todos aqueles que tem o compromisso com a justiça e que lutam em favor dos vulneráveis. Precisamos amparar e cuidar de nossas crianças. Trabalhar para que vivam em um mundo melhor e para que compreendam o amor de Deus, Aquele que as acolhe com ternura e cheio de compaixão. Precisamos cobrar das autoridades a criação de leis mais rigorosas que protejam nossas mulheres e crianças.

Que a leitura destes artigos nos ajude a compreender nosso papel como agentes de transformação de um mundo carente de tudo. Deus os abençoe.



Cristiano Araújo - Major Editor

SUMÁRIO



04

SOLIDARIEDADE
Primeira Dama do Estado de São Paulo, e Grupo de Voluntários da SABESP Fazem Doação



05

ACONCHEGO
Deixem que as Crianças se Aconchequem a Jesus



06

QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS
Sociedade Enferma, Cultura da Violência e Impacto Espiritual



08

VIOLÊNCIA SEXUAL
O Que Não Dizer às Sobreviventes de Violência Sexual



10

CONEXÃO
Deus se Levanta em Favor dos que Sofrem



12

RUMO KIDS
Ainda Há Tempo



14

ATÉ QUANDO?
Até Quando, Senhor, Clamarei Eu, e Tu Não Me Escutarás? Gritar-te-ei: Violência! E Não Salvarás?



Primeira Dama do Estado de São Paulo, e Grupo de Voluntários da SABESP Fazem Doação

O Exército de Salvação foi fundado em 1865, na Inglaterra, pelo pastor metodista, Rev. William Booth e sua esposa, Catherine Booth, como resposta às consequências da Revolução Industrial inglesa. Desde então, espalhou-se pelo mundo e, hoje, atua em 131 países, tendo chegado ao Brasil em 1922. Nesses 98 anos em solo brasileiro, o Exército de Salvação tem servido à população mais vulnerável – famílias, especialmente aquelas chefiadas por mulheres; crianças; adolescentes; idosos; e pessoas em situação de vulnerabilidade.

Durante a pandemia do novo coronavírus, o trabalho do Exército de Salvação junto aos despossuídos, aumentou: Milhares de cestas básicas tem sido entregues, bem como cerca de 3 milhões de máscaras de proteção, 5.000 cobertores e 4.000 kits de higiene foram distribuídos para a proteção da população. Nos últimos seis meses, também já foram servidas cerca de 30 mil refeições para pessoas em situação de rua. Para isso o Exército de Salvação tem recebido apoio tanto de pessoas físicas como de empresas.

O Grupo de Voluntários da SABESP e o Fundo Social de São Paulo, através da Campanha Inverno Solidário apoiam o ministério do Exército de Salvação e, no último dia 03 de setembro, a primeira dama do Estado de São Paulo, Bia Doria, entregou, pessoalmente, na

sede do Exército de Salvação 2000 cobertores e 500 máscaras de proteção para serem distribuídos para a população em situação de rua na cidade de São Paulo. Na ocasião, a primeira dama parabenizou o Exército de Salvação pelos quase cem anos dedicados a servir os mais pobres e falou da importância desse serviço para trazer dignidade, assim como para a transformação de vidas. Falando pela SABESP, a Coordenadora Geral do programa de Voluntariado Corporativo, Erika Mota Santanna, destacou a importância dessa parceria para o atendimento aos mais necessitados.

O Secretário Nacional de Educação e Programas do Exército de Salvação, Major Maruilson Souza, agradeceu à primeira dama e ao Programa de Voluntariado Corporativo pela parceria em favor dos mais necessitados.



Maruilson Souza, Ph.D
Secretário Nacional de Educação e Programas
Coordenador do 3º. Simpósio Brasileiro
de Justiça Social



Deixem que as Crianças se Achequem a Jesus

Jesus vivia cercado de pessoas e mostrava-se sempre disposto a ouvi-las, ensiná-las, curá-las. Ouvi certa vez que o ministério de Jesus era pessoas e que por isso Ele tomava tempo para estar próximo a elas e abençoá-las.

No entanto, quando as crianças tentaram se aproximar trazidas por seus responsáveis, não encontraram lugar na agenda dos discípulos. E esse mesmo mal nos sobrevém ainda hoje. Tentamos controlar a agenda de Deus e limitamos suas bênçãos aos nossos preferidos. Os discípulos, embora quisessem muito ver o Reino de Deus, não queriam tratar bem o que de melhor havia nesse reino: as crianças (Marcos 10:14).

“Jesus, ao contrário de muitos, não grita, não ofende, nem se mostra indiferente à presença dos pequeninos.”

Jesus, muito mais que incluído, é amigo das crianças. Indignado com essa atitude repreendeu os autores, valorizou cada pequenino e advertiu os adultos: *“das crianças é o reino”*. Rompido o cerco, posso imaginar as crianças ao redor de Jesus, alegres, sentindo-se amadas, valorizadas e defendidas por Ele. Posso vê-las sorrindo ao ouvir suas histórias, sentindo seu toque em suas cabeças e ouvindo sua doce voz. Jesus, ao contrário de muitos, não grita, não ofende, nem se mostra indiferente à presença dos pequeninos.

Hoje ao presenciar Jesus com as crianças, fico maravilhada. Eles se entendem perfeitamente. As crianças se integram a Ele (e vice-versa) mais do que com palavras simplesmente, mas com o coração, esse coração puro que precisamos para ver a Deus.

Às vezes interferimos nesse diálogo, subestimando as crianças por acharmos que não possuem a nossa capacidade de articular uma teologia “adultocêntrica” e assim calamos a sua voz.

Por Luciana Falcão
Revista Mãos Dadas. Edição 26.
Publicado com autorização.

QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

A sociedade do século 21 traz desafios que as gerações passadas nem imaginaram ou somente tiveram intuição embrionária: o impacto da internet nas comunicações, na escola e na educação; a influência decisiva das mídias sociais na eleição e queda de líderes políticos, religiosos, empresariais; a incapacidade do mercado de absorver formalmente toda a mão de obra disponível; o desenvolvimento sustentável, a ecologia e a salvação do planeta... Nesta série de artigos, o Major Maruilson Souza convida os leitores à reflexão, ao engajamento e à busca conjunta de soluções.



Sociedade Enferma, Cultura de Violência e Impacto Espiritual

Introdução

As sociedades, como as pessoas, adoecem. Com raríssimas exceções isso não acontece repentinamente. Ao contrário, os sinais vão aparecendo no dia-a-dia, lentamente. Inicialmente, de maneira quase imperceptível. No entanto, se nenhuma providência é tomada, a situação vai se agravando e, quando menos se espera, o desequilíbrio assume o lugar central na coletividade: o descontrole predomina, a intolerância sobressai, a empatia se esvai, o vazio existencial se instala e, por incrível que pareça, a maioria acha que tudo está normal. Não obstante, esse esforço para manter a imagem e o desempenho contínuo, cansa. O resultado é uma sociedade onde predomina o individualismo, a incapacidade de admirar, de amar e de respeitar o que não lhe é “espelho”, pois o diferente é percebido como inimigo que precisa ser eliminado.

Sinais de Enfermidade Social

Portanto, os sinais de que uma sociedade não está bem são muitos: Passa pelo crescimento dos fundamentalismos, especialmente, em sua versão político-religiosa, pelas polarizações irracionais, pela transformação da verdade em mentira e da mentira em verdade, pela disseminação de meias verdades como se autênticas fossem, assim como pelo aumento do discurso violento-ameaçador e pela destruição de reputações. Por esse motivo a sociedade, nas suas dimensões pública/privada, se enfraquece espiritual-

mente e, com isso, cresce o gosto pelo espetaculoso (Guy Debord), por novas e contínuas experiências, pelo consumo, pela busca da felicidade a qualquer preço, pela publicização e ostentação de momentos felizes, como se perpétuos fossem. Ou seja, na imitação da elite burguesa, consumista e hedonista.

Características de uma Sociedade que Perdeu suas Referências

Muitos termos e características têm sido utilizados para descrever essa “sociedade individualizada”, assolada na sua “moral e sensibilidade”, que provoca crise nas “identidades” fechadas, onde desconfia-se que “a riqueza de poucos” tende a não beneficiar a pobreza dos 2/3 do mundo. Melhor dizendo, nessa “Babel” onde a tensão entre a “incerteza” e a “esperança” convivem lado-a-lado, onde o “medo” é espalhado - particular mais não exclusivamente - nas grandes cidades, especialmente diante do aumento de “estranhos à nossa porta”, gera, na multidão a “busca por segurança no mundo atual”.

Pelo descrito acima, fica evidente que, talvez, Zygmunt Bauman tenha sido aquele que, na primeira década do século 21, melhor expôs de forma pormenorizada a característica principal da nossa sociedade enferma como sendo “liquida”: Não só os “tempos” são “líquidos”, também o são o “amor” e os “laços humanos”. Consequentemente, as raízes são superficiais, as referenciais são aparentes, o conhecimento é natu-

ralmente raso e as relações sociais, econômicas e de produção, delicadas.

Cultura de Violência como Principal Sinal de Enfermidade

Em uma sociedade líquida, os valores são invertidos. Tem maior capacidade de vencer quem tem militância bulhenta. A luta não é pela verdade, mas pela narrativa, ainda que falsa e desprovida de argumentos. Some-se a isso, o “*way of life*” onde cada um é consequência, produto e referência de si e para si mesmo; onde a exigência por uma permanente performance leva as pessoas a comprometerem saúde e família; onde a frustração e o desapontamento com autoridades constituídas devido à corrupção, à vilania e à mentira contumaz contribui para a busca de “jeitinhos” para o predomínio das aparências e, com isso, para que a ética seja sobreposta pela estética, como também para o enfraquecimento da democracia.

Em uma sociedade enferma, a cultura de violência torna-se normativa: Perde-se a paciência corriqueiramente – e isso é visto como natural; milhares de mulheres são espancadas e assassinadas anualmente – mas, usa-se facilmente a desculpa de que “em briga de marido e mulher, ninguém põe a colher”; aumenta a estatística da brutalidade contra idosos – ainda assim, finge-se não ser verdade; o número de mortes de jovens negros cresce nas periferias – apesar disso, se faz piada com isso; atitudes racistas se multiplicam – todavia, jura-se “de pés juntos” que “era só brincadeira”; o país é recorde no número de estupros – porém, a apatia é geral; uma menina foi estuprada desde os seis anos de idade – não obstante, há quem diga que “ela gostou” e mesmo quem pergunte: “onde estava Deus quando isso acontecia?”. Quando na verdade, Deus era a menina sendo violentada, o sagrado sendo desvalorizado e o divino violado.

Cultura de Violência: Impacto Espiritual

De acordo com as pesquisas que tenho realizado, a cultura de violência é não somente um dos sintomas de uma sociedade enferma. Ela tem igualmente impacto direto na espiritualidade das pessoas e da nação. As religiões de um modo geral e, particularmente, as igrejas cristãs não podem ser ingênuas a esse respeito. Quando uma pessoa sofre agressão – seja ela física, verbal, psicológica ou espiritual – isso tem implicações na sua espiritualidade pessoal, mas também na espiritualidade coletiva. Afinal, a família e as igrejas são micros sociedades dentro de uma sociedade maior. Desta forma, não é incomum tais violências serem reproduzidos nesses espaços ou mesmo o sagrado ser usado para justificar tais violências. Dessa maneira, quando a cultura de violência torna-se o padrão, desconfia-se de tudo e de todos,

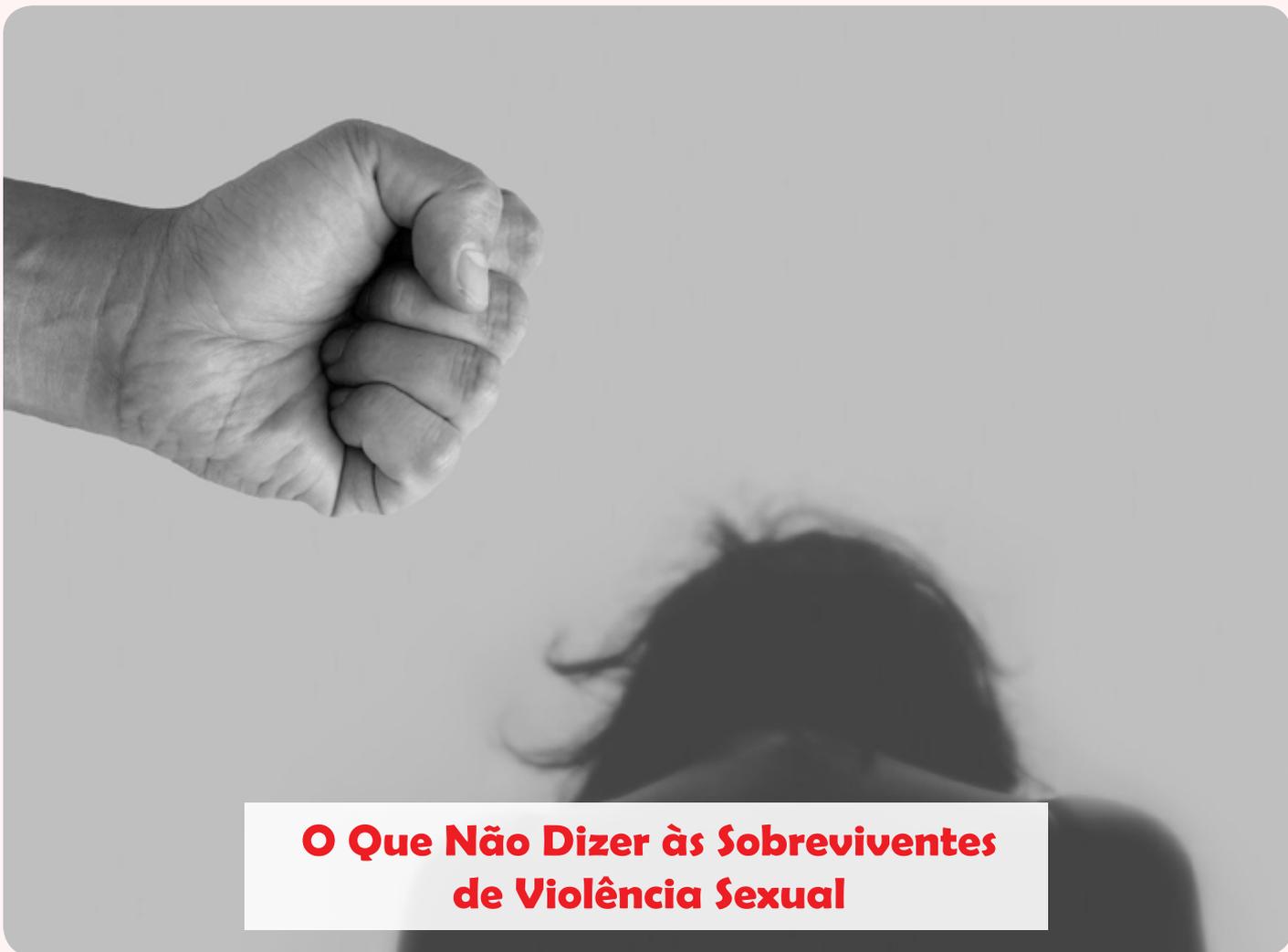
inclusive de Deus; perde-se a sensibilidade pela dor do outro; o imediatismo prevalece; o materialismo consumista, triunfa; a capacidade de acreditar na justiça se esvai, mesmo que na justiça de Deus; a indignação profética ante as injustiças passa a ser desestimulada, quando não punida; no lugar da solidariedade, da formação de espíritos críticos e dialogias – fruto de atitude amadurecida na busca da verdade com seriedade -, passa a imperar a indiferença, a bajulação e o louvor panegírico somados a espíritos autoritários.

Conclusão

Numa sociedade, a violência funciona como uma válvula de escape. Ela “é sinal de doença” (Leandro Karnal) e, não poucas vezes, indica uma forma de extravasar as pressões, as opressões e as frustrações ocorridas durante longo tempo. De toda maneira, uma cultura de violência não vem de graça. Há um preço a pagar e ele é alto, inclusive na perspectiva espiritual. Por outro lado, o caminho da elevação espiritual – individual e coletivamente – passa pela valorização e celebração da diversidade; por aprender a conviver respeitosamente com o diferente; por tomar consciência de que a liberdade das suas e das minhas ações devem estar limitadas pelo reconhecimento, preservação e valorização da existência do outro e que só me é permitido olhá-lo “de cima para baixo, se for para ajudá-lo a levantar-se” (Gabriel Garcia Marques); pela busca de superação dos preconceitos; por amar, servir, defender e promover a todos e não somente aqueles que pertencem ao meu gueto religioso. Afinal, foi Jesus quem disse que assim como “o Pai faz nascer o sol sobre os maus e os bons e vir a chuva sobre os justos e injustos” nós, se queremos nos tornar Seus filhos e filhas, devemos imitá-Lo e cumprimentar e amar a todos e todas (Mateus 5. 43-47). “Resumindo, o que quero dizer é: cresçam! Vocês são súditos do Reino; tratem de viver como tais. Assumam sua identidade, criada por Deus. Sejam generosos uns para com os outros, pois Deus age assim com vocês” (Mateus 5. 48 – A Mensagem).



Maruilson Souza, Ph.D
Secretário Nacional de Educação e Programas
Coordenador do 3º. Simpósio Brasileiro
de Justiça Social



O Que Não Dizer às Sobreviventes de Violência Sexual

Ao conversarmos com mulheres que sofreram abuso, precisamos oferecer-lhes segurança, e não julgá-las. Devemos estar totalmente disponíveis para ouvi-las e apoiá-las. As palavras erradas podem ser como uma facada no coração, fazendo com que as sobreviventes se sintam ainda mais desesperançadas e sozinhas. Essas mulheres precisam saber que verdadeiramente nos importamos com elas.

Aqui estão algumas coisas altamente inúteis que frequentemente são ditas às sobreviventes:

“O que você estava vestindo?”

Esta pergunta é totalmente irrelevante. O que importa o que ela estava vestindo? Há policiais uniformizadas que foram agredidas. O Departamento de Justiça dos EUA confirmou que não há conexão alguma entre a roupa e as agressões sexuais. Perguntas como esta dão a entender que parte da culpa é da sobrevivente, quando, na verdade, o único culpado é quem cometeu o abuso.

“Por que você não fugiu ou gritou?” ou “O que você estava fazendo lá?”

Mais uma vez, esses comentários sugerem que a sobrevivente, de alguma forma, teve culpa. O abuso ocorre em todas as circunstâncias. Muitas vezes, durante uma agressão, a pessoa que está sendo atacada está em estado de choque. Pergunte a si mesmo: A pessoa não teria corrido, gritado ou evitado o local, se fosse possível? É fácil fazer essas coisas quando você está vulnerável? Como é possível evitar um lugar onde você recebe comida ou uma remuneração de que precisa muito?

“Foi realmente tão ruim assim?” ou “Você tem sorte de não ter sido tão ruim quanto o que aconteceu com a fulana de tal!”

Claro que foi ruim. Não precisamos classificar a experiência. Jamais se deve usar a palavra “sorte” quando se trata de abuso. O que aconteceu mudou a vida da pessoa: não devemos fazer comparações com as experiências dos outros.

“Porque você está chorando? Agora já acabou” ou “Acalme-se”

Essas palavras são totalmente inúteis. Chorar mostra que ainda há emoções, o que é um sinal saudável. Deus nos criou com emoções. A dor, a confusão, a raiva e muitos outros sentimentos precisam ser expressos para que a cura ocorra. Talvez as pessoas que falam essas palavras não saibam lidar com a expressão de emoções.

“Você o perdoou?” ou “Você está orando por ele?”

Como cristãos, podemos ser ferozmente legalistas. Embora o perdão seja um elemento importante do processo de cura, ele leva tempo. Nunca force as sobreviventes a orar por seus agressores: ao invés disso, ore pelas sobreviventes e com elas. Permita que elas se sintam zangadas ou até que desejem a morte do agressor. O tempo virá quando será possível perdoar, um passo de cada vez.

“Tudo faz parte do plano de Deus” ou “Deus disciplina aqueles que ele ama”

Esses comentários são muito cruéis nesse contexto.

Deus é um Pai amoroso, que só tem bons planos para nós. Observações semelhantes podem ser feitas em contextos budistas, tais como: “Este deve ser o seu karma”. Sempre assegure à mulher que o abuso nunca faz parte do plano de Deus e que ninguém o merece.

Devemos apoiar nossas irmãs que sofrem com a atitude certa, sem julgá-las e nos colocando ao seu dispor. Aprenda com Provérbios 16:24: “As palavras agradáveis são como um favo de mel, são doces para a alma e trazem cura para os ossos”.

Adrienne Blomberg é uma consultora que trabalha para a Tearfund na Libéria, apoiando sobreviventes da VSG (violência sexual e de gênero).

Artigo originalmente publicado na Ultimato Online de 17 de abril de 2019.

Colaboração: Cristiano Araújo - Major





Deus se Levanta em Favor dos que Sofrem

Trabalhando há mais de 20 anos na área social do Exército de Salvação, são inúmeros os casos que chegam ao meu conhecimento ou no quais atuo pessoalmente, envolvendo violência contra crianças e adolescentes. Lembro-me, em especial, de um dia quando cheguei a um projeto social, onde era diretora e, me deparei com uma criança de 07 anos. Era uma criança muito pequena e magra para a idade que tinha. Me apresentei e, fui recebida com um sorriso. Não pude deixar de perceber que um dos seus dentes da frente estava quebrado, algumas horas depois tomei conhecimento de que o dente quebrado era resultado da violência física do próprio pai. Ao longo de 03 anos trabalhamos com aquela criança no sentido de reparar os danos sofridos, física e emocionalmente, no sentido de resgatá-lo de forma integral.

Desde os primórdios da civilização, há relatos de maus-tratos à criança. Nas civilizações antigas, se realizava o infanticídio para eliminar crianças que nasciam com defeitos físicos. Atos de violência era realizado para equilíbrio dos sexos, por motivos religiosos, como medida econômica nos grandes flagelos ou, ainda, por

não aguentarem longas caminhadas, crianças eram mortas ou abandonadas para morrerem desnutridas ou devoradas por animais.

Ao longo dos séculos, a representação da criança adquiriu novos significados. Porém, apesar de sua valorização pela sociedade e mesmo com criação de políticas públicas em favor delas, a violência ainda permanece como grave ameaça às suas condições de vida.

O Brasil registra diariamente 233 agressões, de diferentes tipos (física, psicológica e tortura), contra crianças e adolescentes com idade até 19 anos. Dados mostram que parte dessas situações ocorre no ambiente doméstico ou tem como autores pessoas do círculo familiar e de convivência das vítimas, relata artigo publicado pela Revista Veja em dezembro de 2019. Em maio, deste ano, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) afirmou, em uma coletiva à imprensa que, dos 159 mil registros feitos pelo Disque Direitos Humanos ao longo de 2019, 86,8 mil são de violações de direitos de crianças ou adolescentes, um aumento de quase 14% em

relação a 2018.

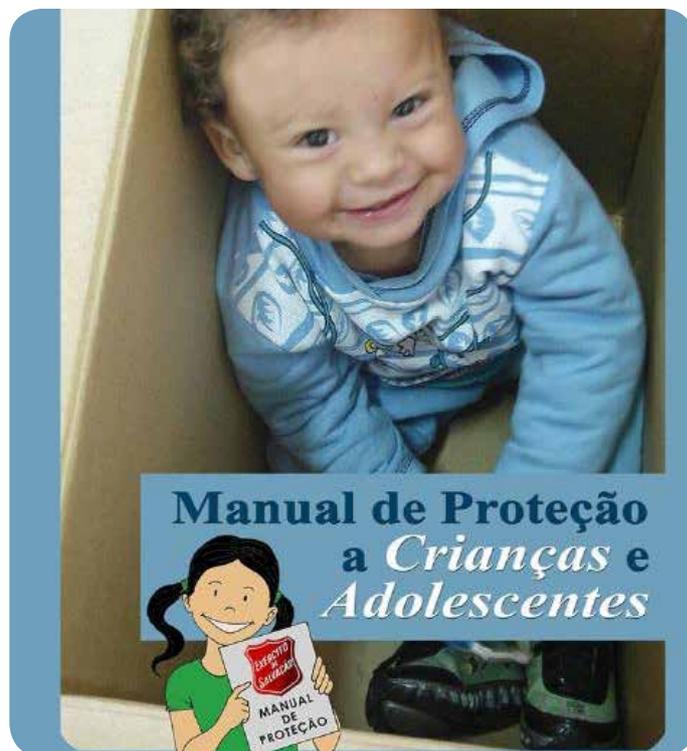
Com a pandemia do Coronavírus, esse cenário se agravou! O Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) emitiu um alerta mundial e dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MDH), com a estimativa de que mais de **85 milhões de crianças e adolescentes do mundo inteiro passam por alguma situação de abuso durante o isolamento social**. A UNICEF publicou ainda, um artigo onde afirma que com a pandemia do novo Coronavírus e as necessárias medidas de isolamento social e confinamento domiciliar, crianças e adolescentes estão sob risco ainda maior de sofrer violência física, sexual e psicológica.

Nós do Exército de Salvação, acreditamos que somos responsáveis pelos adultos que enviamos para o mundo. Assim, todas as ações realizadas por nós, voltadas para as crianças/adolescentes que estão sob nossa influência tem consequências. Eles são vulneráveis e, especialmente em situações de pobreza, crises humanitárias e conflitos, as crianças e adolescentes precisam dos mais altos padrões de proteção.

Reafirmando seu compromisso com a questão da proteção de crianças e adolescentes, o Exército de Salvação no Brasil mantém, em seus projetos sociais, uma pessoa de Referência em Proteção treinada de conformidade com a Lei de Proteção à Criança do Brasil.

Em meados de 2006, o Exército de Salvação criou o **Manual de Proteção às Crianças e Adolescentes**. Esse Manual fornece a base do desenvolvimento de medidas efetivas para identificar possíveis violências às quais esses indivíduos possam estar sendo submetidos, e nos dá os procedimentos necessários para agirmos com responsabilidade social e cristã, necessária nestes casos.

Estamos empenhados em disseminar o **Manual de Proteção às Crianças e Adolescentes** a todos que direta ou indiretamente atuam com esse público dentro de nossas igrejas e projetos sociais. Também mantemos atividades regulares onde crianças e adolescentes, aprendem a se protegerem e a denunciar os vários tipos de violências que possam vir a ser expostos. Mantemos, ainda, atividades para os pais e responsáveis sobre educação responsável e cultura de paz; usamos nossos canais de comunicação para defender e proteger os mais vulneráveis que sofrem, em especial às crianças e adolescentes do Brasil.



Entendemos que crianças e adolescentes são seres em formação, por isso, têm o direito de serem protegidos de todas as formas de abuso, negligência, exploração e violência, conforme acordado na Convenção sobre os Direitos da Criança da ONU (1989).

E, finalmente, cremos que Deus se levanta em favor dos que sofrem, de conformidade com Salmo 12: 5 que diz: *"Por causa da opressão dos pobres e do gemido dos necessitados, eu me levantarei agora diz o Senhor"* Deus se levanta para lutar em favor daqueles que sofrem, por isso, nós também lutamos por essa causa.



Milka Santos - Major
Secretária Nacional de Obra Social

Referências:
Manual de Proteção às Crianças e Adolescentes do Exército de Salvação
Maus-tratos infantis: um resgate da história e das políticas de proteção https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002010000300018&lang=pt
<https://veja.abril.com.br/brasil/brasil-registra-diariamente-233-agressoes-a-criancas-e-adolescentes/>



Ainda Há Tempo

Então disse Jesus: “Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam; pois o Reino dos céus pertence aos que são semelhantes a elas” (Mateus 19:14).

Joana, olhava pela janela da sala dos professores e não acreditava no que estava ouvindo. Diego, ex-aluno do segundo ano do fundamental I, fora preso por porte de arma e drogas e estava envolvido com uma facção criminosa. A conversa girava em torno dele na hora do intervalo. Os professores faziam comentários como:

- Eu sabia que ele não era boa coisa!
- Quantas vezes no conselho de classe nós havíamos falado dele.
- Diego era muito rebelde.
- Que pena, ainda nem completou 14 anos e já está assim! Imagina quando chegar aos 18.
- Será que sobrevive até lá?

Os sons das palavras dos professores ficaram muito longe, quando Joana lembrou-se de uma ocasião quando Diego havia puxado seu guarda-pó e quando ela virou, ele tinha uma flor na mão. Era franzino, pequenino mesmo e, naquele momento, disse a ela:

- Feliz dia do professor. Foi em outubro, de quando mesmo? Acho que no ano de 2013, pensou Joana. Ela lembrou bem de que se abaixou, olhou bem nos olhos dele e agradeceu com um beijo. Diego era a felicidade em pessoa. Saiu saltitando.

As vozes da sala dos professores voltaram...

- Os pais nunca estiveram aqui na escola para ver seu boletim ou comportamento...

- Lembro-me dele no quinto ano, já era agressivo. Eu não o suportava. Mandava sempre para a diretoria e ninguém fazia nada.

Joana virou-se para os colegas e em um tom de tristeza disse:

- Poderíamos ter cuidado melhor dele. As vozes cessaram...
- Como? O que poderíamos ter feito professora Joana. Somos somente professores. Não somos pais ou mães dessas crianças.
- Nós nos esquecemos que muitas vezes somos, sim, pais e mães dessas crianças, porque aqui, elas deveriam encontrar o acolhimento que muitas vezes não têm em casa – disse Joana, continuando – as frases de vocês provam o que estou falando. Se sabíamos que ele estava dando “problema” em sala de aula, deveríamos ter investido mais o nosso tempo nele. Dando-lhe, no mínimo, a chance de se sentir amado aqui. Quantas vezes temos entrado nessa sala e falado mal de nossas crianças. Elas precisam de quem as acolham. Vocês sabem que estamos em um bairro de alta vulnerabilidade e mesmo que não estivéssemos. Toda criança merece uma atenção especial.

Os professores ficaram olhando para Joana perplexos. Uma professora perguntou:

- Como seria investir mais tempo?
 - Talvez sendo mais gentis com elas e não chegando aqui e dizendo como são insuportáveis. E que fulano hoje parece, desculpa a expressão, o capeta em pessoa. Essas crianças vivem todo o tipo de situação dentro de casa e pouco podem fazer naquele lugar por serem as pessoinhas mais frágeis. Com certeza, quando chegam aqui, querem extravasar e é aí que entramos. Nós somos adultos, instruídos e podemos detectar suas frustrações através das ações.

- Quem sabe um projeto que envolva a comunidade?
 - Isso, disse Joana empolgada.
 - Então está bem! Sexta-feira é o dia da nossa reunião pedagógica e não trataremos nada além do que esse projeto. Tragam seus planejamentos e aqui selecionaremos as ações mais viáveis e que ao nosso ver vão se tornar eficazes. E, antes de voltarmos às nossas salas quero dizer que AINDA HÁ TEMPO para que outras crianças não tenham o mesmo infortúnio do Diego.

-Jaime, o professor de educação física, disse: - que tal se fizéssemos algo diferente com eles? Algo que não fosse só por uma semana. Que durasse o ano todo?
 - Você diz um projeto? Falou a diretora que estava até agora só ouvindo.
 - Por que não?

Com carinho,

Tia Lillian

Passatempo

Encontre as palavras a seguir no Caça-Palavras:

(Resposta na página 02)

JANELA
 PROFESSOR
 FELICIDADE
 SALA

TEMPO
 DIRETORA
 REUNIAO
 CRIANÇA

F	E	L	I	C	I	D	A	D	E
A	J	O	F	S	B	M	P	I	A
R	E	U	N	I	A	O	L	R	J
P	L	M	Z	V	X	K	J	E	A
S	V	J	S	A	L	A	O	T	N
A	B	L	K	X	Z	B	J	O	E
T	E	M	P	O	P	S	M	R	L
F	O	Z	S	B	V	F	A	A	A
B	C	R	I	A	N	C	A	F	O
P	R	O	F	E	S	S	O	R	J



Até Quando, Senhor, Clamarei Eu, e Tu Não me Escutarás? Gritar-te-ei: Violência! E Não Salvarás?

Introdução

As pessoas acostumadas a acompanhar os noticiários, naturalmente, imaginam que as cidades mais violentas do mundo são aquelas onde acontecem os atos terroristas mais alarmantes, ou seja, Bagdá no Iraque, Cabul no Afeganistão, Islamabad no Paquistão, Cairo no Egito e Jerusalém em Israel. Ou, de maneira bem diferente, podem pensar que as cidades mais violentas no mundo são aquelas nos países com a maior população de pessoas que se declaram “sem religião”. Nada disso, das 50 cidades mais violentas do mundo, 46 estão nos países de maioria cristã. A violência em suas várias formas sempre esteve presente na história humana. Um olhar retrospectivo sobre a história da humanidade nos mostrará que, permeando os principais eventos que mudaram as feições políticas, religiosas e culturais do nosso mundo, estavam, as marcas da violência. Atualmente, através dos meios de comunicação, a violência tem se transformado em estratégia de lobo em noticiários e filmes. Uma rápida memória da última década nos mostrará uma grande profusão de imagens violentas se sucedendo diante de nossos olhos à semelhança de um videoclipe: as guerras, atentados terroristas, os arrastões, as chacinas no Brasil e as cenas de pancadaria em bailes funk e estádios de futebol. Tudo isso sem contar a própria violência institucionalizada das polícias, dos exterminadores de plantão e da exclusão dos benefícios do desenvolvimento sofrida por milhares de seres humanos.

Estamos tão acostumados à violência que ela parece ter-nos anestesiado. Não nos impressiona, por exemplo, o fato de, desde a década de 70, as superproduções do cinema americano estarem ligadas à violência explícita. Dessa forma, sem qualquer peso na consciência (e até com um certo prazer mórbido), as pessoas fazem fila para assistir cenas de serial killers, sem contar os tubarões assassinos, piranhas devoradoras e desastres. O desejo ou a necessidade que temos de encontrar formas de extravasar a violência tem levado muitos adolescentes e jovens a passarem horas controlando socos, pontapés, tiros e rajadas de metralhadoras em vídeo games.

Nos últimos anos, temos percebido o aumento dos índices de violência urbana, ou seja, aquelas praticadas

nas ruas, como assaltos, sequestros, chacinas, torturas, e porque não incluir a violência doméstica (praticadas no próprio lar) e agora temos a violência nas escolas, que vão desde o “bullying” (termo utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo incapaz de se defender), chegando ao homicídio na maioria dos casos. A população se encontra em estado de alerta com o crescimento da violência que varre nossas cidades. Parece que os cidadãos é que se encontram presos em suas casas, enquanto, os bandidos tomam conta das ruas e das escolas. Confirmando esta assertiva, a seguinte expressão tem sido muito usada pelas pessoas: “A gente tá ficando com medo de sair de casa”.

Podemos afirmar que vivemos um período de ausência de paz, de segurança e de afeto. Muitas vezes, nos sentimos com o coração acelerado, temeroso, duvidoso e até mesmo, como se a fé tivesse se esvaído. Ainda que nossa mente afirme a confiança no Senhor e em seu plano eterno, algumas vezes nossas emoções parecem negar essa certeza. Vivemos num mundo violento, cheio de injustiça. Acreditamos que Deus domina tudo (Daniel 4: 32), mas achamos difícil compreender a maldade que nos cerca. Pessoas inocentes são vítimas da crueldade. Nações entram em conflitos uma contra as outras. Olhamos para Deus com uma única pergunta: “Por que o Senhor permite tal violência e injustiça?”. O profeta Habacuque viveu, provavelmente, uns 600 anos antes de Cristo, na terra de Judá. O pequeno livro dele relata uma discussão entre o profeta e o próprio Deus. A pergunta marcante de Habacuque é: “Até quando, Senhor?”. Habacuque começa seu livro com uma série de perguntas: “Até quando, Senhor, clamarei eu, e tu não me escutarás? Gritar-te-ei: Violência! E não salvarás? Por que me mostras a iniquidade e me fazes ver a opressão?” (1: 2-3). Habacuque viu a violência de Jerusalém e a injustiça institucionalmente instalada, e não entendeu a tolerância do Senhor. Nós, que moramos hoje em grandes capitais do País poderíamos fazer a mesma pergunta, “porque o perverso cerca o justo, a justiça é torcida” (1:4).

A violência se manifesta no dia-a-dia. Às vezes,

até inconscientemente, agimos com violência. Isto acontece em nossa casa, no trânsito, no trabalho, na escola, em diversos locais. Parece que não há como fugir da violência. A violência não tem outra causa senão a satisfação dos impulsos de vingança e desejos destrutivos do ser humano. Infelizmente, somos obrigados a conviver com esta situação. Isto não significa acomodação ao sistema. Pelo contrário, convivemos no mundo violento, procurando (re) agir positivamente. O profeta pediu justiça. Ele queria livramento divino para proteger os inocentes e castigar os malfeitores. Deus respondeu ao pedido de Habacuque, concordando plenamente com sua queixa. O povo violento e injusto merecia o castigo, e Deus o traria logo. Ele prometeu a justiça naquela geração.

A violência, ao assumir tamanhas proporções nos dias de hoje se constitui em desafio à nossa paz. Não podemos falar da paz, sem introduzir o conceito da justiça. A justiça é o elemento fundamental da ordem do mundo. Teremos a paz quando essa justiça tomar conta do espaço público, quando do lado de fora dos nossos portões também existir paz. A paz como fruto da justiça, é pública, vai além de uma paz pessoal (estado de espírito), e ela garante algo mais.

Um fator de importância máxima na questão da violência é a família, pois ela é a “escola de todas as virtudes”, e é nela que a criança deve aprender com os pais e os irmãos a respeitar e a ser respeitada. Hoje quase não faltam escolas para as crianças, nem mesmo catequese nas paróquias católicas e EBD em igrejas evangélicas, mas faltam os pais que as conduzam à escola e à igreja. Portanto, sem a reestruturação da família, não se poderá acabar com a violência na sociedade. Para construção de um mundo mais pacífico devemos criar novos paradigmas éticos, que possam superar a utopia moral contemporânea. Devemos começar pelos nossos lares e ampliá-lo para o espaço público, construindo atos de cidadania cristã. Quando construímos atos de cidadania, no espaço público, a gente está promovendo a paz (Jeremias 29: 7). Nós não vamos entender e estender a paz pública, se a gente não se esforçar por construí-la. Ela não vai acontecer sozinha. Aí vem o desafio mais importante. Como a paz no espaço público vai se dar se não houver comprometimento por parte das pessoas. Como se dará no meio da sociedade se as pessoas não se envolverem com isso?

Conclusão

A fé cristã ensina as razões profundas da violência: Ela, acima de tudo, procede de corações sem Deus, sem amor ao próximo, que não é visto como “imagem e semelhança de Deus”. E quando Deus é retirado de cena, o homem ocupa o lugar d’Ele e a dignidade humana já não é mais respeitada. O “não” dito a

Deus acaba se transformando em um “não” dito ao homem, por isso vemos hoje um número expressivo da violência.

Não basta encher as nossas ruas de policiais armados e bem equipados para acabar com a violência – embora isso seja necessário para lhe dar combate imediato –, é preciso mais. É preciso a “educação para a paz”. Essa educação exige que se ensine às crianças e aos jovens, nos lares, nas escolas e na igreja, a dignidade de todo e qualquer ser humano. A moral cristã tem como base essa dignidade. Tudo aquilo que a Igreja condena como imoral é porque fere a dignidade da pessoa. A base da violência está na falta da vivência moral e na relativização do que seja o bem; o mal tem gerado muitas formas de violência.

É oportuno enfatizar, que o Evangelho é uma ferramenta que habilita as pessoas a serem promotoras de atos de cidadania e conseqüente resgate da dignidade humana. O Evangelho produz novas perspectivas quando nos inserimos na realidade para transformá-la por meio de novas ações, fazendo uso de um dos valores centrais do Evangelho que é a encarnação. Por fim, a solução se encontra no Deus que se revela e que desde Caim, oferece ao homem a oportunidade de abandonar a violência: *“Então, Ihe disse o SENHOR: Por que andas irado, e por que descaiu o teu semblante? Se procederes bem, não é certo que serás aceito? Se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz à porta; o seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo”* (Gênesis 4: 6-7). A violência só será vencida pela revolução do amor que começa no Deus Trino e passa a ser vivenciada, por pura Graça, entre os homens. Sem Jesus, sem o Evangelho, sem a vivência moral ensinada pelos ensinamentos de Cristo, não haverá paz verdadeira e duradoura. Sem isso será difícil lutar pela paz. Que a paz de Deus tranquilize e anime nossos corações nestes dias maus e violentos. Que sejamos agentes de paz e amor para que o mundo, e nossa cidade, encontre em Jesus Cristo a verdadeira paz e segurança.



Cristiano Araújo - Major
Editor-em-Chefe

Fontes Consultadas:

<http://teologiadacidade.blogspot.com.br/2011/04/violencia-urbana.html>
<https://professorrafaelporcari.com/2009/04/20/combate-a-violencia-num-ponto-de-vista-cristao/>
<http://www.estudosdabiblia.net/d93.htm>

Seja um assinante da Revista **RUMO**

Receba as 10 edições anuais diretamente em sua casa!

1. Faça o depósito na conta: Banco Itaú - Ag.1000 - Conta 23164-5
2. Envie o comprovante por e-mail: redacao@bra.salvationarmy.org ou via correio: Rua Juá, 264 - Saúde - São Paulo/SP | CEP: 04138-020 (A/C Redação).
3. Indique no e-mail ou dentro do envelope que é referente a uma assinatura da Revista RUMO e coloque o nome completo do assinante e o endereço para envio das revistas.

Valor da assinatura anual:

Brasil: R\$ 40,00 e Exterior: US\$ 35,00



Convidamos você a visitar nosso site – www.exercitodesalvacao.org.br - e conhecer melhor nosso trabalho. Para realizar uma doação, clique no botão **DOE AGORA**, faça seu cadastro e escolha a melhor forma de contribuir ou, para agilizar, leia o QR Code e faça sua doação.

Se preferir, utilize uma das contas abaixo para fazer a transferência/depósito e envie o comprovante para o endereço de e-mail rp@bra.salvationarmy.org.

Bancos:

Bradesco	Agência 1480	Conta Corrente 01638-1
Itaú	Agência 1000	Conta Corrente 60000-5
CAIXA	Agência 0255	Conta Corrente 01368-6



Você também pode doar sua nota fiscal para uma das nossas instituições cadastradas no programa:

Nota Fiscal Paulista

43.898.923/0001-15 - Bosque da Saúde - São Paulo/SP
43.898.923/0002-04 - Saúde - São Paulo/SP
43.898.923/0012-78 - Liberdade - São Paulo/SP
43.898.923/0045-36 - Vila dos Pescadores - Cubatão/SP

Nota Fiscal Gaúcha

43.898.923/0006-20 - Três Vendas - Pelotas/RS

RETIRAMOS DOAÇÕES

Doe roupas, móveis e outros objetos.



4003 - 2299

www.exercitodoacoes.org.br

Também estamos coletando doativos nas seguintes cidades:

Joinville: (47) 3453-0588

Recife: (81) 3228-4740

Pelotas: (53) 3273-6909

Brasília: (61) 3443-6142